

ORIENTAÇÕES PARA ACOLHIMENTO DE PESSOAS TRANSEXUAIS E TRAVESTIS NO PROGRAMA SESC DE ESPORTES

Adan Lucas Parisi¹, Andresa Caravage de Andrade²,
Carla Carolina Malheiros³, Eduardo Garcia⁴, Fabio Rodrigues⁵,
Fabricio Addeo Ramos⁶ Júlio Sakamoto⁷, Marcos Roberto Santos⁸,
Maria Emilia Carmineti⁹, Ruth dos Santos¹⁰

RESUMO

O Sesc conta com um conjunto de múltiplas linguagens e influências do acesso à cultura, ao esporte, à saúde, ao desenvolvimento infantojuvenil, à terceira idade e ao turismo social. Dentro desta seara, o esporte é adotado como uma das estratégias de promoção do processo educativo não formal nas ações institucionais, fazendo parte das atividades diárias oferecidas aos seus frequentadores em todo o país. Partindo da premissa institucional de fomentar a convivência, o respeito, o protagonismo e a aceitação da legitimidade da diferença, bem como propiciar um local de acolhimento seguro aos diversos públicos, faz-se necessária a inclusão das pessoas transexuais e travestis nas proposições do Programa Sesc de Esportes. O presente documento apresenta estratégias de acolhimento adequado e inclusivo, a fim de dirimir a discriminação e o preconceito. São

-
- 1 Graduado em Educação Física, técnico de programação do setor físico esportivo do Sesc Araraquara – SP. E-mail: adan.parisi@sescsp.org.br.
 - 2 Doutora em Terapia Ocupacional pela Universidade Federal de São Carlos (UFS-Car), pesquisadora no Centro de Pesquisa e Formação (Sesc SP). Contribuiu neste trabalho como autora-orientadora. E-mail: andresa.caravage@sescsp.org.br.
 - 3 Graduada em Educação Física, supervisora do setor físico esportivo do Sesc de São Carlos – SP. E-mail: carla.malheiros@sescsp.org.br.
 - 4 Graduado em Educação Física, assistente técnico da Gerência de Desenvolvimento Físico Esportivo do Sesc São Paulo. E-mail: eduardo.garcia@sescsp.org.br.
 - 5 Especialista em Gestão Estratégica De Negócios, analista de esporte do Departamento Nacional do Sesc. E-mail: frodrigues@sesc.com.br.
 - 6 Especialista em Diversidade & Inclusão LGBTQIA+ no Esporte e gestor de projetos em Esporte, Economia Criativa e Diversidade. Contribuiu neste trabalho como autor-orientador. E-mail: contato@nixdiversidade.org.
 - 7 Graduado em Educação Física, técnico de programação do setor físico esportivo do Sesc Jundiaí – SP. E-mail: julio.sakamoto@sescsp.org.br.
 - 8 Graduado em Educação Física, técnico de programação do setor físico esportivo do Sesc Registro – SP. E-mail: marcos.roberto@sescsp.org.br.
 - 9 Graduada em Psicologia pela Unesp/Campus de Assis; assistente técnica da Gerência de Estudos de Programas Sociais – Sesc São Paulo. Contribuiu neste trabalho como autora-orientadora. E-mail: emilia@sescsp.org.br.
 - 10 Mestranda em Educação e Currículo pela Pontifícia Universidade Católica. Assistente técnica da Gerência de Desenvolvimento Físico-Esportivo do Sesc São Paulo. Contribuiu neste trabalho como autora-orientadora. E-mail: ruth.santos@sescsp.org.br.

proposições como o mapeamento de grupos, a sensibilização, a dialogicidade com o território, as mediações e as ações educativas através do esporte.

Palavras-chave: Acesso. Legitimidade. Esporte. Dialogicidade.

ABSTRACT

Sesc has a set of multiple languages and influences of access to culture, sports, health, child and youth development, the elderly and social tourism. Within this area, sport is adopted as one of the strategies for promoting the non-formal educational process in institutional actions, forming part of the daily activities offered to its visitors throughout the country. Based on the institutional premise of fostering coexistence, respect, protagonism and acceptance of the legitimacy of difference, as well as providing a safe place to welcome different audiences, it is necessary to include transgender people and transvestites in the proposals of the Sesc Sports Program. This document presents adequate and inclusive reception strategies, in order to resolve discrimination and prejudice. Propositions such as the mapping of groups, awareness, dialogicity with the territory, mediations and educational actions through sport.

Keywords: Access. Legitimacy. Sport. Dialogicity.

INTRODUÇÃO

O acolhimento de pessoas transexuais e travestis visa promover um ambiente inclusivo, respeitoso e livre de discriminação, permitindo que essas pessoas se sintam seguras e aceitas em diversos contextos sociais, como serviços de saúde, escolas, locais de trabalho e em espaços públicos em geral.

São práticas e políticas públicas que vão além de receber pessoas transexuais e travestis, envolvendo diversos aspectos, como o oferecimento de suporte emocional, o reconhecimento da identidade de gênero, a sensibilidade aos desafios enfrentados, o acesso a serviços e ambiente seguro, entre outros.

Em consonância com esta premissa, o Sesc desenvolve ações de educação não formal e permanente com o intuito de valorizar seus diversos públicos ao estimular a autonomia pessoal, a integração e o contato com expressões e modos diversos de pensar, agir e sentir.

O presente artigo traz luz às possibilidades de ações de acolhimento dentro do Programa Sesc de Esportes, garantindo acesso às atividades de forma segura, dentro de um ambiente empático e inclusivo.

O SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO

O Sesc (Serviço Social do Comércio) surgiu do compromisso de empresários do setor do comércio de bens, serviços e de turismo em colaborar com o cenário social, por meio de ações que proporcionam melhores condições de vida a seus trabalhadores e familiares e o desenvolvimento das comunidades onde vivem. Promover o acesso à cultura, educação, saúde, lazer e assistência é o que o Sesc faz diariamente, em todo o país. Na década de 1970, o Conselho Nacional do Sesc aprovou as Diretrizes Gerais de Ação, incorporando oficialmente em sua Política Social o Lazer como um dos seus campos de ação (Rodrigues, Bruno, 2021). Dentro desta seara, o esporte é adotado como um meio incontestável para a promoção do processo educativo não formal nas ações institucionais e, por isso, faz parte das ações diárias que o Sesc oferece aos seus frequentadores em todo o país.

No estado de São Paulo, o Sesc conta com 43 unidades operacionais — centros destinados à cultura, ao esporte, à saúde e à alimentação, ao desenvolvimento infantojuvenil, às pessoas idosas, ao turismo social e a demais áreas de atuação.

O Sesc São Paulo busca desenvolver a educação não formal e permanentemente com o intuito de valorizar seus diversos públicos ao estimular a autonomia pessoal, a interação e o contato com expressões e modos diversos de pensar, agir e sentir.

PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO FÍSICO ESPORTIVO

Conforme documento do Programa Sesc Esporte, lançado no ano de 2019 e elaborado por funcionários da área esportiva e professores convidados, a partir da década de 1990, a atuação Sesc São Paulo no campo esportivo foi organizada em seu Programa de Desenvolvimento Físico-Esportivo, cujo principal objetivo é realizar ações de caráter educativo que estimulem a ampliação de experiências relacionadas aos esportes e às atividades físicas e conscientizem para a importância dessas práticas na vida cotidiana, incentivando a autonomia das e dos participantes, disseminando valores como integração, respeito às diversidades e inclusão social, procurando favorecer a sociabilidade, o aprendizado e a incorporação de habilidades corporais, visando qualidade de vida e bem-estar.

Para levar adiante sua missão e intencionalidade, bem como marcar um posicionamento político-institucional no campo esportivo, o Sesc São Paulo traz na base de um de seus programas, o Programa Sesc de Esportes (PSE), o conceito de Esporte para Todos, pautado por sua vez em princípios como o direito voluntário de participação, a ideia de bem-estar e o respeito para com os outros por meio de práticas esportivas não formais.

PROGRAMA SESC DE ESPORTES

O programa busca promover a educação pelo e para o esporte nas diversas faixas etárias. Brincar, aprender, competir, jogar e divertir-se são reforçados para estimular o conhecimento, o aprendizado e a prática das diferentes modalidades esportivas e outras manifestações da cultura corporal, como as lutas, os jogos, as atividades rítmicas e na natureza.

Busca também promover outros elementos presentes no universo dos esportes: *a prática humana provedora de infinitas trocas simbólicas, favorável à formação de pessoas e à construção da cidadania*. Um estímulo prazeroso para a conquista da autonomia corporal, a melhoria da qualidade de vida e o aprendizado de novas habilidades e expressões corporais (Sesc, 2019).

O PROGRAMA SESC DE ESPORTES SE ORGANIZA DA SEGUINTE FORMA:

Esporte Criança 3 a 6 anos

Busca o desenvolvimento integral por meio do brincar.

Esporte Criança 6 a 10 anos

Apresenta o universo da cultura corporal do movimento e desperta o interesse pelo aprendizado do esporte e da atividade física.

Esporte Jovem 11 a 13 anos

Iniciação às práticas sistematizadas de modalidades esportivas, valorizando aspectos educacionais como a competição e ampliação do conhecimento esportivo.

Esporte Jovem 13 a 16 anos

Aprendizagem de uma modalidade específica e demais valores e aspectos que envolvem a prática esportiva.

Esporte Adulto – 16 a 59 anos

Aprendizagem de modalidades (Iniciação Esportiva) e espaço de jogo e prática esportiva como forma de troca de conhecimentos e convivência (Clubes Esportivos).

Esporte para pessoas idosas – acima de 60 anos

Favorece aos participantes novas experiências, vivências de gestos motores e atividades esportivas como forma de integração.

Dentro do Programa Sesc de Esportes, as turmas podem ser mistas ou por gênero baseado na característica da faixa etária, modalidade e do curso.

Partindo da premissa da instituição em fomentar a convivência, o respeito, o protagonismo e a aceitação da legitimidade da diferença, bem como propiciar um local de acolhimento seguro para os diversos públicos que frequentam as unidades do Sesc, entendemos ser de suma importância a inclusão das pessoas transexuais e travestis nas proposições do Programa Sesc de Esportes. Para tal, é cabível aos gestores esportivos, pensar, organizar e sistematizar ferramentas para viabilizar e garantir que esse processo de inclusão e acolhimento seja factível, tendo em vista que ainda existem muitas questões, tensionamentos, desinformação, preconceito quando pensamos na relação entre pessoas transexuais e travestis e a prática esportiva.

O QUE É LGBTQIAPN+

As relações são construídas a partir do convívio social, e o seu não entendimento ocasiona vários tipos de violência, advindos de uma sociedade capitalista, patriarcal, cis-heteronormativa, racista, conservadora e de moral fundamentada na religiosidade cristã. Nesse sentido, a comunidade LGBTQIAPN+ enfrenta constantemente discriminações e violências físicas e simbólicas que a colocam à margem da sociedade.

Desta forma, faz-se necessário o respeito e a defesa dos direitos da comunidade LGBTQIAPN+ como parte da diversidade humana e sexual.

SIGLA LGBTQIAPN+

Para entendermos mais sobre a sigla LGBTQIAPN+, vamos localizar o significado de cada uma das letras, segundo o *Manual de Comunicação LGBTI+* (Reis; Cazal, 2021), realizado pela rede GayLatino e pela Aliança Nacional LGBTI:

L: Lésbicas - Pessoa do gênero feminino (cis ou trans) que é atraída afetiva e/ou sexualmente por pessoas do mesmo sexo/ gênero (cis ou trans);

G: Gays - Pessoa do gênero masculino (cis ou trans) que tem desejos, práticas sexuais e/ou relacionamento afetivo-sexual com outras pessoas do gênero masculino (cis ou trans);

B: Bissexual: pessoa que se relaciona afetiva e/ou sexualmente com pessoas (cis ou trans) do gênero feminino, masculino ou demais gêneros;

T: Transgênero/Transsexual/Travesti: pessoas que não se identificam com o gênero atribuído com base nos órgãos sexuais e fazem uma transição para outro gênero;

Q: Queer: adjetivo utilizado por algumas pessoas, em especial pessoas mais jovens, cuja orientação sexual não é exclusivamente heterossexual;

I: Intersexualidade: termo “guarda-chuva” que descreve pessoas que nascem com anatomia reprodutiva ou sexual e/ou um padrão de cromossomos que não podem ser classificados como sendo tipicamente masculinos ou femininos;

A: Assexuais: pessoas que não sentem nenhuma atração sexual, seja pelo sexo/gênero oposto ou pelo igual;

P: Pansexualidade: o prefixo *pan* vem do grego e se traduz como “tudo”. Significa que as pessoas pansexuais podem desenvolver atração física, amor e desejo sexual por outras pessoas, independentemente de sua identidade de gênero ou sexo biológico. A pansexualidade é uma orientação que rejeita especificamente a noção de dois gêneros e até de orientação sexual específica;

N: Não binariedade: identidade de gênero em que as pessoas não se sentem em conformidade com os gêneros que tradicionalmente foram estabelecidos: o de masculino para os homens e feminino para mulheres, podendo fluir entre as infinitas possibilidades de existência de gênero sem necessariamente seguir padrão, performance ou papel pré-estabelecido pela sociedade;

+: Pessoas que, independentemente da orientação sexual ou identidade de gênero, tomam ação para promover os direitos e a inclusão da população LGBTQIAPN+.

IDENTIDADE E EXPRESSÃO DE GÊNERO

Identidade de gênero: é uma experiência interna e individual do gênero de cada pessoa, que pode ou não corresponder ao sexo atribuído no nascimento, incluindo o senso pessoal do corpo (que pode envolver, por livre escolha, modificação da aparência ou função corporal por meios médicos, cirúrgicos e outros) e outras expressões de gênero, inclusive vestimenta, modo de falar e maneirismos.

Expressão de gênero: é como a pessoa manifesta publicamente, por meio do seu nome, da vestimenta, do corte de cabelo, dos comportamentos, da voz e/ou características corporais e da forma como interage com as demais pessoas. A expressão de gênero da pessoa nem sempre corresponde ao seu sexo biológico.

Assim, este segmento da comunidade LGBTQIAPN+ engloba questões relativas aos conceitos citados a seguir:

Binarismo de gênero: ideia de que só existe macho/fêmea, masculino/feminino, homem/mulher.

Não binariedade: identidade de gênero em que as pessoas não se sentem em conformidade com os gêneros que tradicionalmente foram estabelecidos: o de masculino para os homens e feminino para mulheres, podendo fluir entre as infinitas possibilidades de existência de gênero sem necessariamente seguir padrão, performance ou papel pré-estabelecido pela sociedade;

Cisgênero: termo utilizado para descrever pessoas que não são transgênero (mulheres trans, travestis e homens trans). “Cis-” é um prefixo em latim que significa “no mesmo lado que” e, portanto, é oposto de “trans-”. Refere-se ao indivíduo que se identifica, em todos os aspectos, com o gênero atribuído ao nascer;

Transgênero/Transsexual/Travesti: pessoas que não se identificam com o gênero atribuído com base nos órgãos sexuais e fazem uma transição para outro gênero. Neste sentido, temos a terminologia homem trans e mulher trans, sendo:

Mulher trans: é a pessoa que se identifica como sendo do gênero feminino embora tenha sido biologicamente designada como pertencente ao sexo/gênero masculino ao nascer;

Homem trans: é a pessoa que se identifica como sendo do gênero masculino embora tenha sido biologicamente designada como pertencente ao sexo/gênero feminino ao nascer;

Agênero: pessoa que não se identifica ou não se sente pertencente a nenhum gênero;

Gênero fluido (*gender-fluid*): a pessoa que se identifica tanto com o sexo masculino ou feminino. Sente-se homem em determinados dias e mulher em outros;

Queer: adjetivo utilizado por algumas pessoas, em especial mais jovens, cuja orientação sexual não é exclusivamente heterossexual. De modo geral, para as pessoas que se identificam como queer, os termos lésbica, gay, e bissexual são percebidos como rótulos que restringem a amplitude e a vivência da sexualidade;

Androginia: termo genérico usado para descrever qualquer indivíduo que assuma postura social, especialmente a relacionada à vestimenta, comum a ambos os gêneros;

Cross-dresser: refere-se tipicamente a homens que usam esporadicamente roupas, maquiagem e acessórios culturalmente associados às mulheres. Tipicamente tais homens se identificam como heterossexuais. Esta prática é uma forma de expressão de gênero e não é realizada para fins artísticos. Os cross-dressers não querem mudar permanentemente o sexo ou viver o tempo todo como mulheres;

Transformista: indivíduo que se veste com roupas do gênero oposto movido por questões artísticas;

Drag Queen: homem que se veste com roupas femininas de forma satírica e extravagante para o exercício da profissão em shows e outros eventos. Uma drag queen não deixa de ser um tipo de “transformista”, pois o uso das roupas está ligado a questões artísticas, a diferença é que a produção necessariamente focaliza o humor, o exagero;

Drag King: versão “masculina” da drag queen, ou seja, trata-se de uma mulher que se veste com roupas masculinas para fins de trabalho artístico.

LINHA DO TEMPO

A linha do tempo visa posicionar o leitor sobre os principais acontecimentos na história do Movimento LGBTQIAPN+, com este recorte representando apenas os principais fatos ocorridos no Brasil e que marcam a trajetória e expansão do movimento.

Em **1970**, surgiu o Movimento Homossexual Brasileiro (MHB), que foi a primeira sigla de identificação do movimento.

Na década de **1980**, a sigla que identificava o mesmo movimento era o GLS, que passou a ser adotada e se referenciava aos gays, lésbicas e simpatizantes. A sigla GLS teve objetivo mais comercial do que político, uma vez que as duas primeiras letras ainda faziam referência a pessoas homossexuais enquanto os demais segmentos como bissexuais, transexuais e de pessoas que se colocavam em apoio a comunidade, por exemplo, eram resumidas a letra S de simpatizantes e, desta forma, o mercado comercial capitalista poderia lucrar mais a partir da “inclusão” de pessoas simpatizantes à sigla do movimento.

Neste período, no Brasil, a homossexualidade era tratada como doença.

Em **1981** o Grupo Gay da Bahia iniciou um movimento contra essa designação e conseguiu que em **1985**, o Código de Classificação de Doenças fosse revisto pelo Conselho Federal de Medicina, pois continha o CID 302.0 (Classificação Internacional de Doenças), desde a revisão de 1948, no capítulo V, que tratava de Transtornos Mentais.

A partir de então, o Código 30.2 foi retirado desta classificação no Brasil, o que contribuiu também para que, em **1994**, também fosse retirado pela OMS de sua classificação a nível mundial.

Em **1999**, o Conselho Federal de Psicologia, em uma resolução, proíbe que psicólogos atuassem na “cura” de homossexuais.

Em **2005**, no XII Encontro Brasileiro de Gays, Lésbicas e Transgêneros, a letra “B”, de bissexuais, foi inserida de maneira formal à sigla, e a letra “T” se solidifica para referenciar travestis, transexuais e transgêneros e assim forma-se GLBT, com o objetivo de trazer maior destaque para os demais segmentos da comunidade. No entanto, os homens gays sempre tiveram mais representatividade e protagonismo junto ao movimento da comunidade, e desta forma fez-se necessária a alteração da sigla para LGBT colocando o L à frente, com o objetivo de trazer maior visibilidade às mulheres lésbicas, uma vez que estas sofrem dupla opressão, por serem mulheres e lésbicas (Silva, 2023).

Em **2008** aconteceu no Brasil a “1ª Conferência Nacional de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais”, realizada no governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, com apoio da Secretaria Especial de Direitos Humanos. Foi nesta conferência que ocorreu uma votação que determinou que a sigla oficial do movimento da comunidade seria LGBT.

Em **2011**, o Supremo Tribunal Federal (STF) estende para as relações homossexuais os direitos previstos no Código Civil, que estabelece a união estável heterossexual.

Em **2013** o casamento entre pessoas do mesmo sexo foi aprovado no Brasil, porém a criminalização da LGBTfobia somente em 2019 passou a ser considerada como crime (Lei 7716/89).

Já em **2020**, o STF derruba a restrição à doação de sangue por homossexuais.

O movimento LGBTQIAPN+ tem suas raízes em diversas lutas históricas ao longo dos anos e vem conquistando diversos avanços importantes; no entanto, ainda há muitos desafios a serem superados. Muitas pessoas LGBTQIAPN+ ainda enfrentam discriminação e violência em sua vida cotidiana, e o acesso a serviços de saúde, educação, e emprego muitas vezes é limitado devido à sua orientação sexual ou identidade de gênero.

DIVERSIDADE NO ESPORTE

A diversidade é um tema cada vez mais relevante e necessário na sociedade atual, especialmente nas práticas esportivas, pois o esporte pode ser usado como uma ferramenta para promover a inclusão e a igualdade. Discutir a inclusão de pessoas LGBTQIAPN+ nas práticas esportivas é fundamental. No entanto, ainda existem muitas barreiras que precisam ser superadas para que todas as pessoas, independentemente de sua orientação sexual ou identidade de gênero, possam ter as mesmas oportunidades no esporte. Além disso, a diversidade e inclusão no esporte vão além da identidade de gênero e orientação sexual, também envolve a inclusão/participação de pessoas/atletas com deficiência e com diferentes origens étnicas e raciais, por exemplo. Para isso é necessária a eliminação de preconceitos e da discriminação, assim como a adoção de medidas afirmativas para as populações historicamente excluídas do esporte.

DIVERSIDADE TRANS NO ESPORTE

O esporte é uma das áreas que mais tem dificuldade em lidar com a diversidade e inclusão de pessoas trans, principalmente em competições de alto nível. No entanto, nos últimos anos, é nítido o movimento crescente em direção à inclusão de atletas trans, com organizações esportivas

ao redor do mundo trabalhando para criar políticas mais inclusivas e acolhedoras.

As pessoas trans são frequentemente alvo de preconceito e discriminação no esporte, e isso pode afetar sua capacidade de competir e alcançar seu potencial total. Um dos pontos mais controversos é a participação de atletas trans em competições esportivas. Há debates em torno das políticas de elegibilidade e de como garantir a justiça e a equidade no esporte.

A grande preocupação é se as atletas trans possuem vantagens físicas em relação às atletas cisgênero (aquelas que se identificam com o gênero que lhes foi atribuído no nascimento). Embora ainda haja muito a ser estudado, a maioria das evidências sugere que não há diferenças significativas nas habilidades atléticas entre atletas trans e cisgênero. No entanto, é importante encontrar maneiras de garantir que as políticas de elegibilidade sejam justas e respeitem as necessidades e direitos de todas as atletas.

Conceitos como memória muscular (condição em que o corpo se lembra de determinados movimentos mesmo após um longo período), transfobia e a desvalidação da transgeneridade também são citados para promover mobilização contrária a essa inclusão.

Além da questão da elegibilidade em competições esportivas, é importante destacar a necessidade de proporcionar ambientes seguros e inclusivos para pessoas trans em todas as áreas do esporte, desde as categorias de base até os níveis mais altos de competição. Isso pode incluir a criação de políticas de nome e gênero que permitam que as pessoas trans sejam identificadas adequadamente em todos os níveis do esporte, bem como a inclusão de treinadores e funcionários trans em equipes esportivas.

Muitas organizações esportivas estão trabalhando para criar ambientes mais inclusivos e acessíveis para todos os atletas. Isso inclui políticas de diversidade e inclusão, programas de treinamento e sensibilização para atletas, treinadores e funcionários de equipes esportivas e a promoção de um ambiente de respeito mútuo e aceitação. À medida que a conscientização sobre a importância da diversidade no esporte continua a crescer, espera-se que mais progressos sejam feitos para garantir que todas as pessoas tenham a oportunidade de participar e ter sucesso no esporte, independentemente de sua identidade de gênero ou outra característica pessoal.

PROMOVENDO A DIVERSIDADE NO ESPORTE

Existem várias maneiras de promover a diversidade no esporte e criar um ambiente mais inclusivo e igualitário para todas as pessoas. Algumas dessas estratégias incluem:

Educação e conscientização: É importante educar as pessoas sobre a importância da diversidade e dos direitos das pessoas LGBTQIAPN+. Isso pode incluir campanhas de conscientização e programas de treinamento para treinadores, atletas e outros envolvidos no esporte.

Políticas inclusivas: As organizações esportivas podem adotar políticas inclusivas que garantam que todas as pessoas, independentemente de sua orientação sexual ou identidade de gênero, tenham as mesmas oportunidades no esporte. Isso pode incluir políticas que permitam a participação de pessoas transexuais e travestis de acordo com sua identidade de gênero.

Celebração da diversidade: É importante celebrar a diversidade no esporte e reconhecer as conquistas de pessoas LGBTQIAPN+. Isso pode ajudar a criar um ambiente mais inclusivo e inspirar outras pessoas a participar do esporte.

A diversidade é um valor importante em todos os aspectos da vida, incluindo o esporte. Promover a inclusão e a representação de pessoas LGBTQIAPN+ no esporte é fundamental para garantir que todos possam desfrutar do esporte em igualdade de condições. A diversidade no mundo do esporte é um tópico complexo e em constante evolução. É importante continuar a trabalhar para garantir que as políticas esportivas sejam inclusivas e que todas as pessoas transexuais e travestis sejam acolhidas e acolhidos em todas as áreas do esporte.

INCLUSÃO POR MEIO DA ATIVIDADE FÍSICA E DO ESPORTE

A prática de atividade física e esporte pode ter inúmeros benefícios para todas as pessoas, incluindo pessoas transexuais e travestis. Algumas dessas vantagens incluem a melhora da saúde física e mental, o aumento da autoestima e confiança e a oportunidade de socialização e conexão com outras pessoas.

No entanto, as pessoas transexuais e travestis podem enfrentar barreiras significativas para a participação de atividades físicas e esportes. Por exemplo, muitas vezes não há espaços seguros e inclusivos para se exercitarem, e elas podem enfrentar discriminação e hostilidade de outras pessoas no ambiente esportivo.

Além disso, a pressão para se conformar com normas de gênero binárias no esporte pode ser particularmente difícil para pessoas transexuais e travestis, que podem enfrentar barreiras para participar de esportes

com base em seu sexo biológico, ou serem marginalizadas por não se adequarem às expectativas de gênero associadas a esportes específicos.

A participação em atividades físicas e esportes pode ser uma forma importante para pessoas transexuais e travestis construírem um senso de identidade e se conectarem com outras pessoas que valorizam a diversidade. Por isso, é importante que haja espaços inclusivos e seguros onde pessoas transexuais e travestis possam se exercitar e praticar esportes sem medo de discriminação ou exclusão.

Em resumo, a atividade física e o esporte podem ser benéficos para pessoas transexuais e travestis, mas é importante que haja espaços inclusivos e seguros para que elas possam participar e se beneficiar dessas atividades. A criação de ambientes inclusivos e políticas que valorizem a diversidade de gênero pode ajudar a garantir que todas as pessoas tenham as mesmas oportunidades no esporte.

Assim, proporcionar um espaço de prática esportiva com segurança, respeito às diversidades e convivência social é parte da missão institucional do Sesc.

COMUNICAÇÃO ACOLHEDORA, RESPEITOSA E INCLUSIVA

O que é linguagem inclusiva? Por que utilizá-la?

A comunicação é uma produção social, e as palavras têm o potencial de criar ou dissipar estresse, cativar ou afastar pessoas, conquistar ou destruir sonhos, promover a inclusão ou perpetuar a exclusão. Por isso, é importante refletir sobre como a linguagem pode ser mais inclusiva, acolhedora e respeitosa para todas as pessoas.

A linguagem inclusiva é uma forma de se expressar com cuidado, usando palavras que demonstrem respeito a todas as pessoas, primando pelo acolhimento e combatendo privilégios, exclusões e/ou agressões, sendo, portanto, uma linguagem consciente e comprometida com a diversidade.

Assim, a linguagem inclusiva constitui-se enquanto comunicação que busca incluir todas as pessoas, independente de gênero, raça, etnia, orientação sexual, entre outras características.

Posso dizer que Linguagem inclusiva é o mesmo que linguagem neutra?

Não, todavia, ambas as formas de comunicação consciente buscam promover a igualdade e o respeito à diversidade. Contudo, enquanto a linguagem inclusiva busca incluir todas as pessoas sem alterar o idioma, a linguagem neutra, também conhecida como não binária, sugere repensarmos as marcações de gênero, tendo como uma de suas características centrais, adaptações na escrita como o uso do “x” e do “e” como artigo neutro, atenuando o “o” masculino e o “a” feminino, não adotando, assim, marcação de gênero específico.

Exemplos:

Linguagem inclusiva - **Sejam todos vocês muito bem-vindos!**

Linguagem neutra - **Sejam todes muito bem-vindes!**

Compreendendo as singularidades, importância e o processo formativo inerentes à adoção de uma comunicação consciente, sugerimos o uso da linguagem inclusiva como meio para alinhamentos conceituais e sensibilização em consonância com a intencionalidade de reconhecimento, valorização da diversidade e enfrentamento de práticas e discursos discriminatórios.

ESTRATÉGIAS PARA A ADOÇÃO SISTÊMICA DA LINGUAGEM INCLUSIVA

O uso da linguagem inclusiva pode parecer um pouco desafiador no início, contudo, é possível fazê-lo com algumas ações práticas e efetivas. Abaixo mencionamos algumas:

Sensibilização e formação: As pessoas necessitam ter ciência do que é linguagem inclusiva e de como utilizá-la. Isto pode ocorrer por meio de diferentes estratégias que fomentem a importância da inclusão e diversidade na linguagem utilizada e que evidenciem a linguagem inclusiva enquanto meio para que todas as pessoas se sintam respeitadas e incluídas, independentemente de sua identidade de gênero, orientação sexual ou outras características.

Uso de palavras neutras na escrita e em discursos: Incentivar o uso de palavras neutras em vez de palavras que implicam gênero, como “pessoa” em vez de “homem” ou “mulher”, também é uma forma de tornar a linguagem mais inclusiva. É importante

revisar as políticas, manuais e documentos da empresa para identificar e substituir palavras que possam excluir ou marginalizar pessoas e grupos sociais.

Acompanhamento constante: É importante manter um acompanhamento contínuo do uso da linguagem inclusiva na empresa. Isso pode ser feito por meio de pesquisas, canais de escuta ou conversas com o público e com o corpo de funcionários, para identificar quais áreas da linguagem precisam de mais atenção e esforços para inclusão.

Divulgação da política de inclusão linguística: É importante divulgar a política de inclusão linguística da empresa, podendo ser feita por meio de cartazes, e-mails e outras formas de comunicação interna e externa.

Considerar o público-alvo: Ao implementar a linguagem inclusiva, é importante considerar as características do público, como faixa etária, nível de conhecimento e sensibilização acerca do assunto, contextos socioculturais, entre outros.

Envolver a comunidade: A implementação da linguagem inclusiva necessita envolver toda a comunidade relacionada direta ou indiretamente nas ações. Equipe técnica, público frequentador e familiares.

Adotar uma abordagem pedagógica: A implementação da linguagem inclusiva pode ser uma oportunidade para situações de ensino-aprendizagem com o público sobre diversidade, inclusão, cuidado e respeito.

Continuidade: A linguagem inclusiva é um tema em constante evolução, e as práticas recomendadas podem mudar com o tempo. É importante o entendimento de processo contínuo de aprendizado sobre práticas inclusivas.

ACOLHIMENTO DE TRANSEXUAIS E TRAVESTIS NO PROGRAMA SESC DE ESPORTES

Mapeamento

O mapeamento envolve ferramentas de planejamento e gestão para identificar a relação entre atividades e pessoas.

Público Interno – quantificar e identificar os funcionários atuantes nas unidades do Sesc que fazem parte do grupo de pessoas transexuais e travestis.

Público Externo

Alunos e alunas – quantificar e identificar as pessoas matriculadas nos Programas Sesc de Esportes que fazem parte do grupo de pessoas transexuais e travestis.

Comunidade – quantificar e identificar as pessoas, grupos e coletivos do território pertencentes ao entorno das unidades do Sesc que fazem parte do grupo de pessoas transexuais e travestis.

SENSIBILIZAÇÃO

Sensibilização a partir do compartilhamento de saberes das pessoas transexuais e travestis.

Público Interno – funcionários, estagiários e terceiros

Ações programáticas como, rodas de conversa, oficinas, palestras etc., a fim de promover maior entendimento nos processos de acolhimento de pessoas transexuais e travestis.

Criação de uma comissão interna incluindo funcionários de diversos setores para discutir questões relacionadas à diversidade e levantar aquelas que podem dificultar essas ações.

Público Externo

Alunos e alunas – Sensibilização a partir de práticas esportivas realizadas ao longo do ano, estendida aos familiares, tendo o convívio como agente principal de transformação.

Comunidade – Ações programáticas, como apresentações esportivas e torneios, tendo como objetivo fomentar espaços que proponham o protagonismo e a representatividade das pessoas transexuais e travestis.

DIÁLOGOS COM O TERRITÓRIO

A presença das pessoas transsexuais e travestis nas atividades esportivas do Sesc é muito cara e desejável, pois dialoga com a missão institucional. Portanto, para além dos mapeamentos, se faz necessária uma *aproximação* com a comunidade, *identificação* de lideranças e *articulação*

com o território, para facilitar e democratizar o acesso às atividades do Programa Sesc de Esportes.

Outra estratégia é a realização de parcerias com coletivos, ONGs e times que tenham pessoas transexuais e travestis para realização de outras ações programáticas, como torneios, apresentações esportivas e eventos comemorativos.

DIVULGAÇÃO DAS ATIVIDADES

A intencionalidade de acolher todos os públicos deve ser o objetivo da divulgação, a partir de uma linguagem acolhedora e imagens que contendam diversidade de público e corpos.

INSCRIÇÕES

As inscrições devem seguir o fluxo das que são realizadas comumente na Central de Atendimento. Atenção para a seguinte situação:

Caso na Unidade exista alguma modalidade dividida em turmas femininas e masculinas, o participante deve ser matriculado ou matriculada na turma do gênero com o qual a pessoa se identifica, considerando o fator de passabilidade. Dica: na dúvida, sempre pergunte!

Passabilidade – significa a possibilidade de uma pessoa ser lida socialmente como membro de um grupo identitário diferente do seu pertencimento originário. Ou seja, é a capacidade de uma pessoa negra se passar por branca, ou de uma pessoa trans se passar por cisgênera, por exemplo.

Nome social

De acordo com o Decreto nº-8.727/2016, os órgãos e as entidades da administração pública federal direta, autárquica e fundacional, deverão adotar em seus atos e procedimentos o nome social da pessoa travesti ou transexual, de acordo com seu requerimento.

Se for o desejo da pessoa, o nome social pode ser utilizado na Credencial do Sesc.

Maiores de 18 anos poderão fazer a solicitação da alteração do nome de registro para o nome social a qualquer momento na Central de Atendimento, se assim for desejado, ou apenas solicitar para que o educador responsável pela turma utilize o nome social nas aulas, sem precisar necessariamente alterar os dados na Credencial.

Menores de 18 anos podem fazer as mesmas alterações e solicitações acima citadas em relação ao nome social, porém com a autorização de um responsável legal.

Caso uma criança ou adolescente manifeste o desejo de ser chamada pelo nome social, devemos entender o contexto, convidar a família para dialogar sobre a questão realizando a mediação necessária, alinhado com o conceito de unidade educadora.

Cabe ressaltar que as unidades do Sesc não podem exigir que essas alterações sejam realizadas para que uma pessoa seja tratada como o nome e gênero que desejam — o nome social deve ser oferecido e utilizado sempre.

COMUNICAÇÃO VISUAL

As comunicações visuais e sinalizações internas devem ser confeccionadas com a intenção de acolher todos os públicos. É sugerido que se faça uso de cartazes em locais estratégicos a fim de promover o direito e acolher todos os públicos.

Exemplo: “Utilize o banheiro correspondente à identidade e expressão de gênero”.

Outras manifestações que informam ao público que o Sesc é um local de acolhimento para a população LGBTQIAPN+ podem incluir:

- Divulgação de leis específicas;
- Símbolos e sinais LGBTQIAPN+ expostos na unidade.

CANAIS DE COMUNICAÇÃO

Deixar clara todas as opções de identificação para a questão de gênero, inclusive a não identificação por meio dos canais de atendimento, fale-conosco, telefone, e-mails, fichas cadastrais, formulários, termos de responsabilidade, entre outros.

ACOLHIMENTO

Proporcionar um ambiente seguro, de escuta e diálogo para todas as formas de ser e existir no mundo. Ter uma atenção especial para que a

população LGBTQIAPN+ não sofra agressões ou preconceitos e capacitar os funcionários para realizar as mediações necessárias para garantir a participação plena das comunidades de transsexuais e travestis.

Alguns pontos podem ser destacados:

- Durante o atendimento, devemos usar o pronome com o qual a pessoa se identifica enquanto gênero.

- Utilizar o nome social se assim for a vontade dela. *No caso de dúvida, sempre pergunte!*

- A utilização dos banheiros por pessoas transsexuais e travestis, conforme previsto em legislação, deve ser feita de acordo com o gênero com o qual a pessoa se identifica, não sendo necessário encaminhar para banheiros familiares ou outras opções, a não ser que seja um desejo da própria pessoa.

- Devemos *reforçar a liberdade* de utilização de vestimentas para as práticas esportivas principalmente quando for o acesso para a piscina, deixar as pessoas seguras e confortáveis é imprescindível para o bom acolhimento.

MEDIAÇÕES E AÇÕES EDUCATIVAS COM PÚBLICO CISGÊNERO

Pode haver questionamentos, críticas e enfrentamentos por parte das pessoas cisgênero que frequentam as unidades.

Devemos ter falas educativas com o intuito de informar e orientar com dados e orientações esclarecedoras.

Em casos de enfrentamento que se enquadrem em agressões e transfobia, a orientação é buscar os órgãos legais competentes.

Disque 100 - Canal de Denúncia dos Direitos Humanos. Qualquer caso de violação dos direitos humanos e de LGBTQfobia deve ser denunciado no canal.

REFERÊNCIAS

- CÂMARA, Cristina. *Um olhar sobre a história do ativismo LGBT no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2015. Disponível em: https://www.academia.edu/download/56757273/2015.um_olhar_RevAGRJ.pdf.
- CAMARGO, Wagner Xavier; RIAL, Carmen Silvia Moraes. “Competições esportivas mundiais LGBT: guetos sexualizados em escala global?”. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 19, n. 3, pp. 977-1.003, set./dez. 2011.
- FRANCO, Neil. “A Educação Física como território de demarcação dos gêneros possíveis: vivências escolares de pessoas travestis, transexuais e transgêneros”. *Motrivivência*, Florianópolis, v. 28, n. 47, pp. 47-66, maio 2016.
- OLIVEIRA, Vivian; MOIOLI, Altair. “Diversidade de gênero no esporte e na atividade física”. In MORÃO, K. G.; BAGNI, G.; LEMOS FILHO, J. P.; MACHADO, A.A. (org.). *Visões contemporâneas da psicologia do esporte*. Itapetininga: Edições Hipótese, 2020.
- PIMENTA, Tatiana. “LGBTQIA+. O que realmente significam a sigla e o movimento?”. *Vittude* (blog), 24 jun. 2021. Disponível em: <https://www.vittude.com/blog/lgbtqia-o-que-significa-sigla-e-movimento/>
- PRADO, Vagner Matias do; NOGUEIRA, Alessandra Lo Gullo Alves. “Transexualidade e esporte: o caso Tiffany Abreu em ‘jogo’”. *REIS – Revista Eletrônica Interações Sociais*, Rio Grande, v. 2, n. 1, pp. 60-72, jan./jun. 2018.
- RAMOS, Fabrício. *Diversidade e inclusão no esporte: estudo sobre as conquistas e os desafios da comunidade LGBTQIA+ no Brasil*. São Paulo: Nix Diversidade e Economia Social, 2022.
- REIS, Toni; CAZAL, Simón (org.). *Manual de comunicação LGBTI+* [livro eletrônico]. Curitiba: IBDSEX, 2021.
- RODRIGUES, Bruno *et al.* “Sesc Running Circuit”. 16th World Leisure Hybrid Congress – Leisure makes life better, 2021.
- SESC – Serviço Social do Comércio. *Programa Sesc de Esportes*, 2019.
- SILVA, Esther Gomes da. *Relações sociais LGBTQIAPN+ e o Serviço Social: uma análise da formação profissional*. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Serviço Social) – Instituto de Saúde e Sociedade, Universidade Federal de São Paulo, Santos, 2023.